

# A oração na gramática brasileira oitocentista: estudo panorâmico

**Bruna Soares POLACHINI<sup>1</sup>**

---

1 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil;  
| [bpolachini@gmail.com](mailto:bpolachini@gmail.com) | <https://orcid.org/0000-0002-3004-3568>

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i3.3807>

**Resumo:** Neste trabalho, temos o objetivo de observar semelhanças e diferenças no conceito de oração, proposição ou sentença em 72 gramáticas oitocentistas que foram publicadas ao longo do século, a fim de compreender, por meio de um conceito tão central para a influente gramática geral, as transições por que passaram essas obras. Para tanto, seguindo Graffi (2001), analisamos o *aspecto analítico*, isto é, os itens essenciais para a formação da oração apresentados nas obras. Os resultados demonstram que a gramática brasileira de língua portuguesa passou, fundamentalmente, por três fases: (1) a da gramática latina estendida, sobretudo em razão de uma obra ter sido reeditada por décadas; (2) influência da gramática geral durante quase todo o século, ainda que com adaptações e deslocamentos; (3) e, finalmente, o desgarramento dessa gramática geral nas últimas duas décadas. Este estudo panorâmico permite traçar um mapa mais detalhado das continuidades e descontinuidades dessa tradição.

**Palavras-chave:** Gramáticas brasileiras. Século XIX. Gramática Geral. Sintaxe. Sentença. Oração. Proposição.

---

## **The sentence in nineteenth-century Brazilian grammar: a panoramic study**

**Abstract:** The aim of this paper is to observe the similarities and differences in the concept of clause, proposition, or sentence across 72 nineteenth-century grammars published over the course of the century, in order to understand the transitions these works underwent in relation to a concept so central to the tradition of general grammar. To this end, following Graffi (2001), we analyzed the “analytical aspect,” that is, the essential components for sentence formation as presented in these works. The results show that the grammatical description of Portuguese in Brazil went through three main phases: (1) a period dominated by Latin grammar, characterized by the reprinting of a single key work for decades; (2) the prevalence of general grammar for most of the century, albeit with adaptations and displacements; and (3) a departure from the general grammar tradition in the last two decades. This panoramic study allows us to draw a more detailed map of the continuities and discontinuities within the Brazilian grammatical tradition.

**Keywords:** Brazilian grammars. 19th century. General Grammar. Syntax. Sentence. Proposition.

## | Introdução

A produção gramatical brasileira iniciou-se nos primeiros anos do século XIX, expandindo-se rapidamente e alcançando diversos pontos do país de dimensões continentais. Esse crescimento tem múltiplas causas contextuais, entre elas: a autonomia provincial da educação primária e secundária, que foi determinada em decorrência do Ato Adicional de 1834 à Constituição de 1824; a busca, muitas vezes frustrada no século XIX por razões econômicas e organizacionais, pela educação primária universal em todo território do país (Marcílio, 2016); e, finalmente, o crescimento da importância do ensino de língua portuguesa no ensino secundário, sobretudo a partir de 1870 (Razzini, 2000, 2010). Considerando-se levantamentos exaustivos, houve a publicação de ao menos 127 obras gramaticais no século XIX, as quais, somadas às suas reedições, ultrapassam duas centenas de obras (Polachini, 2018).

Há diversos estudos e revisões sobre gramaticografia brasileira oitocentista. Pode-se dizer, inclusive, que o primeiro autor a falar disso foi, justamente, um desses gramáticos: Maximino de Araújo Maciel (1866-1923). Sergipano de origem, mas morador do Rio de Janeiro desde muito cedo, ele era major e também médico, optou, porém, pela profissão de professor de português na capital do país. Aos 22 anos, em 1887, publicou uma gramática, que depois foi reeditada diversas vezes. Em uma dessas reedições, já em 1910, escreveu um posfácio intitulado “Breve retrospecto sobre o ensino da Língua Portuguesa” (Maciel, 1918 [1910]), no qual apresentou considerações sobre a produção gramatical brasileira.

Maciel deu o mote que seria depois repetido e continuado por muitos outros pesquisadores: o estudo dessa tradição com base na distinção entre uma gramática filosófica ou geral e uma gramática histórico-comparativa (por vezes chamada de científica). Essa mesma distinção foi ressaltada por estudiosos posteriores como Antenor Nascentes (1939), Sílvio Elia (1975), Ricardo Cavaliere (2001, 2022), Leodegário de Azevedo Filho (2002), Fávero e Molina (2006), Dorásio Parreira (2011) e Bruna Polachini (2013, 2018), entre outros. De acordo com esses autores, há uma importante transição teórico-metodológica e também retórica na gramaticografia brasileira. Isso porque embora a gramática seja um manual cuja estrutura é mais ou menos fixa há muitos séculos<sup>2</sup>, o seu conceito de língua e a forma como se lida com ela pode mudar ao longo do tempo.

---

2 De acordo com Auroux (2009, p. 65), uma gramática é geralmente composta por “ortografia/fonética (parte opcional), partes do discurso, morfologia (acidentes da palavra, compostos, derivados), sintaxe (frequentemente muito reduzida: conveniência e sintaxe), figuras de construção.”

Quando começa a gramaticografia brasileira, desde 1806 – embora haja algumas exceções que usem a estrutura da língua latina para explicar o português – vemos uma tendência à gramática geral ou filosófica. Visão esta de origem francesa, fundada com a publicação da *Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal* em 1660, que considerava que a razão, comum entre os humanos, determinava a fala. As línguas seriam, então, apenas expressão do pensamento. Consequentemente, seria possível encontrar algo geral de todas as línguas ao se estudar o pensamento comum.

A análise da gramática geral era feita mormente de forma dedutiva, a partir de uma ideia lógica de razão ou pensamento, sendo a comparação entre línguas apenas uma comprovação desse primeiro passo dedutivo. Em alguns casos, as línguas passavam a ser analisadas em dois níveis: um abstrato e geral do pensamento, mais fiável; e o concreto da expressão linguística particular e variada das diversas línguas, o qual não teria tanto interesse analítico. Um exemplo disso é a análise do verbo ou da oração, em que “vivo” era analisado como “eu sou vivente”.

Tal visão passa a ser bastante combatida nas gramáticas brasileiras a partir da década de 1880, quando Júlio Ribeiro publica a primeira gramática portuguesa baseada nos métodos histórico-comparativos, os quais, ao contrário da tendência anterior, valorizavam o dado linguístico empírico. Nessa década de 1880, há uma explosão de publicações gramaticais de jovens professores que se adaptavam a esse novo método, sobretudo no Rio de Janeiro após Fausto Barreto, que era então professor de língua portuguesa do Colégio Pedro II, publicar em 1887 os 46 pontos necessários para os estudos da disciplina de língua portuguesa no ensino secundário (Ribeiro, 2007).

Vale dizer, ainda, que, nessa produção, é possível distinguir diferentes tipos de gramáticas de acordo com seu objetivo ou a complexidade de sua descrição linguística. Há aquelas que são, evidentemente, voltadas ao ensino primário e que, portanto, nem sempre têm uma preocupação teórica, mas cuja ênfase está na simplificação e métodos de memorização do conteúdo (Polachini, 2024). Mas há também outras que, ainda que digam em seus subtítulos que são voltadas ao ensino primário, possuem uma complexidade e discussão teórica que vão além do aprendizado desse nível de ensino. E, claro, há aquelas que são voltadas ao ensino secundário e que, portanto, são mais longas e complexas.

Procuramos considerar todos esses matizes em nossa análise do conceito de oração, sentença ou proposição (que são diferentes nomes para um mesmo segmento) em 72 gramáticas, a fim de compreender as transições por que

passou essa tradição ao longo do século XIX, seja para além da gramática geral, seja para compreender as diversas faces que essa perspectiva expressou nas gramáticas brasileiras. O *corpus* deste estudo é exaustivo, isto quer dizer que foram analisadas todas as gramáticas brasileiras e suas reedições a que tivemos acesso<sup>3</sup>. Há, de fato, algumas que ainda não acessamos, mas esse estudo já cobre uma parcela significativa dessa produção.

Entre as gramáticas analisadas estão aquelas que são mencionadas com frequência em revisões dessa produção por sua relevância ou prestígio, como as obras de Coruja (1835), Sotero do Reis (1866), Ribeiro (1881), Maciel (1887), Pacheco e Lameira (1887) e Ribeiro (1889). Outras são menos conhecidas ou citadas em estudos recentes, mas por serem manuais escolares com enfoque pedagógico, alcançaram um número relevante de reedições ao longo do século, como Fortes (1816), Albuquerque (1844), Silveira (1855), Condurú (1888), entre outras. Vale dizer também que incluímos duas gramáticas novecentistas de autoria feminina, a saber Maia (1908) e Bandeira (1911), pois só tivemos acesso a essas edições de obras cuja primeira edição era do século XIX, respectivamente publicadas em 1899 e 1897.

Finalmente, seguimos a fundação teórico-metodológica da historiografia linguística, procurando realizar a reconstrução de “conteúdos significativos” (Swiggers, 2004) que sobejam o quadro de observação direto a partir da análise de um mesmo conceito em diversas obras de uma mesma tradição.

## **| A oração, sentença ou proposição como conceito de transição**

O estudo do conceito da oração, proposição ou sentença é especialmente relevante para compreender mudanças na gramaticografia brasileira do século XIX porque ele é fundamental na abordagem que influenciou mais gramáticas nesse século, a saber, a gramática geral. Isso porque, como já dissemos, essa perspectiva considera as diversas línguas naturais expressão de um pensamento racional comum entre humanos. Essa razão era justificada, em geral, em termos lógicos, sendo a proposição um dos principais deles. Nesse caso, de acordo com a obra inaugural dessa tradição, a proposição contém três itens necessários e invariáveis: Sujeito, Atributo e Verbo, sendo que este último funciona como uma cópula, um conector entre o sujeito e atributo, resultando em um juízo

---

<sup>3</sup> É importante ressaltar que a maior parte das obras consultadas faz parte do acervo da Fundação Biblioteca Nacional, cuja coleção de gramáticas brasileiras oitocentistas surpreende por sua quantidade e variedade.

ou afirmação. Essa forma universal para a análise lógico-linguística, entretanto, poderia ter mudanças quando expressa pelas línguas particulares.

Anteriormente à gramática geral, a maneira de se trabalhar com a sintaxe em gramáticas de língua portuguesa era através da gramática latina estendida (Auroux, 2009). A metalinguagem utilizada para a descrição das funções e formas sintáticas era o dos casos latinos, ainda que o português não tivesse declinações. A noção de oração muitas vezes não é sequer mencionada, visto que importa nessa abordagem compreender apenas as relações que as palavras têm entre si, sem definir uma unidade mínima da sintaxe. O abandono da gramática geral no último quartel do século é sentido, paulatinamente, no tratamento da sintaxe, com a substituição da estrutura tripartite da oração pela bipartite, na qual se considera somente o sujeito e o predicado, este último referindo-se, muitas vezes, a tudo que não fosse o sujeito e podendo abarcar diversos itens com diferentes funções na oração.

Para a análise do conceito de oração, focamos neste artigo em seu *aspecto analítico*, que corresponde aos itens essenciais para a formação da oração. De acordo com Graffi (2001, p. 113) pode-se encontrar na mais conhecida definição de sentença da tradição clássica – “*oratio est ordinatio dictionum congrua, sententiam perfectam demonstrans*” de Prisciano<sup>4</sup> (fl. 500d.C.) –, dois aspectos: um chamado *analítico* e outro, *holístico*. O *aspecto analítico* se refere ao arranjo da oração, que não pode ser feito por qualquer organização de palavras, mas por uma que seja coerente. O *aspecto holístico* é referente à afirmação de que em tal arranjo de palavras é expresso um “sentido perfeito”. Contudo, Prisciano não define exatamente nem o que seria um “sentido perfeito”, nem qual seria a organização de palavras mais correta para expressá-lo.

Já a *Grammaire Générale et Raisonnée*, escrita pelo filósofo Antoine Arnauld e pelo gramático e professor Claude Lancelot, publicada inicialmente em 1660 e vulgarmente conhecida como *Gramática de Port-Royal* (doravante GGR-PR), apresenta um conceito mais fechado para esses aspectos. A obra corresponde a uma tentativa de união da pedagogia do ensino de línguas a noções de lógica que pudessem ser aplicadas a uma gramática geral. Na visão de seus autores, era uma gramática destinada não só aos estudiosos da linguagem, mas também às crianças e aos professores das Petit-Écoles de Port-Royal, principalmente para um estudo mais simplificado de latim e de francês; era também uma obra que inseriu uma série de novas noções no estudo da gramática (Chevalier, 1968).

---

4 “A sentence is a coherent word combination, expressing a complete thought” na tradução de Graffi (2001, p. 113). “Sentença/discurso [*oratio*] é um arranjo coerente de palavras, que expressa um pensamento [*sententiam*] perfeito”, em tradução livre do latim para o português.

No prefácio da obra, Lancelot conta que a motivação inicial para a GGR-PR foi seu trabalho anterior com gramáticas pedagógicas de diversas línguas<sup>5</sup>, experiência que o levou a buscar razões para coisas que eram comuns às línguas e outras que eram particulares a algumas delas. Tendo, porém, encontrado certas dificuldades em desenvolver estudos acerca de tais razões, Lancelot teria procurado o auxílio de Arnauld, que, sem ter ainda trabalhado em gramáticas, havia desenvolvido diversas reflexões sobre os “verdadeiros fundamentos da arte de falar” baseando-se na lógica (a “arte de pensar”<sup>6</sup>) (Arnauld; Lancelot, 1780 [1660], p. VII-IX).

Na segunda parte da GGR-PR, seus autores tratam da expressão das operações mentais através da proposição. Esse tratamento da língua como expressão de uma razão, que seria universal, não só permite que a gramática tenha regras gerais para todas as línguas<sup>7</sup>, como também dá margem à criação de dois níveis da linguagem: um que está no pensamento e um que é expresso. A relação pensamento-linguagem que a GGR-PR promove e suas consequências foram capitais para seu impacto não somente em gramáticas brasileiras, mas também em outras tradições, sobretudo do século XVIII – por exemplo, há uma corrente de estudos linguísticos que a historiografia de língua francesa costuma chamar de “grammaire générale” (Dominicy, 1989).

Uma das particularidades da Gramática de Port-Royal era seu tratamento da sintaxe, que se baseava na ideia de que a língua era prioritariamente expressão do pensamento lógico, o qual se constitui de três operações: a *concepção*, o *juízo* e o *raciocínio*. As últimas duas operações realizavam-se na *proposição*, a qual, por sua vez, continha um *sujeito*, um *atributo* e a *ligação* entre eles, como podemos ver no trecho abaixo:

Todos os filósofos ensinam que há três operações de nosso espírito: CONCEBER, JULGAR, RACIOCINAR. CONCEBER não é outra coisa que um simples olhar de nosso espírito sobre as coisas, seja de uma maneira puramente intelectual, como quando eu conheço o ser, a duração, o pensamento, Deus; seja com as imagens corporais, como quando eu

---

5 Entre os anos de 1644 e 1660, Claude Lancelot publica seus “Nouvelles Méthodes pour apprendre la langue” do latim (primeira versão de 1644, a qual terá, em 1650, uma segunda edição modificada, e, em 1653, outra, também modificada), do grego (1655), do italiano (1660) e do espanhol (1660) (Swiggers, 1997, p. 184).

6 Pois a GGR-PR é intimamente conectada à obra *Logique, ou l'art de penser* (1662), do próprio Arnauld e de Pierre Nicole, escrita também na abadia de Port-Royal, e que levava em conta as mesmas três operações mentais (concepção, juízo e raciocínio) da *Grammaire*, com adição de uma quarta, ordenação (cf. Graffi, 2001, p. 74).

7 Embora apenas trate, efetivamente, de seis línguas (latim, grego, hebreu, francês, italiano e espanhol), a submissão da língua à razão autoriza que se fale de todas as línguas.

imagino um carro, uma roda, um cão, um cavalo. JULGAR é afirmar que uma coisa que nós concebemos é tal, ou não é tal: como quando tendo concebido que isto é a *terra* e que isto é *redondo*, eu afirmo da *terra*, que ela é redonda. RACIOCINAR é se servir de dois julgamentos para fazer um terceiro: como quando tendo julgado que toda virtude é louvável. Daí se vê que a terceira operação do espírito não é senão uma extensão da segunda; e assim será suficiente, para o nosso tema, considerar as duas primeiras, ou o que da primeira está contido na segunda. [...] O julgamento que fazemos das coisas, como quando dizemos *a terra é redonda*, chama-se PROPOSIÇÃO; e assim toda proposição contém necessariamente dois termos: um chamado sujeito, que é aquele de que se afirma, como *terra*; e o outro chamado atributo, que aquilo que se afirma, comme *redonda*; e mais a ligação entre esses dois termos, é (Arnauld; Lancelot, 1780 [1660], p. 64-66)<sup>8</sup>.

Numa estrutura como a *proposição*, observamos que não se fala de verbo; fala-se, na verdade, da *ligação* entre *sujeito* e *atributo*, que se dá através da forma “é”, o verbo “ser” na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Na seção destinada ao verbo, observamos que para Arnauld e Lancelot há somente um verbo real, o chamado “verbo substantivo”.

Pode-se dizer que o verbo não deveria ter outro uso senão o de marcar a ligação que nós fazemos no nosso espírito de dois termos de uma proposição; mas há somente o verbo *ser*, que se chama substantivo, que seja mantido nesta simplicidade, e ainda pode-se dizer que só é propriamente mantida a terceira pessoa do presente, *é*, e em certas ocasiões. Pois como os homens tendem naturalmente a abreviar suas expressões, eles juntaram quase sempre à afirmação outras significações em uma mesma palavra. [...] a palavra *vive* encerra em si a afirmação e

---

8 Tradução livre de “Tous les philosophes enseignent qu’il y a trois opérations de notre esprit: CONCEVOIR, JUGER, RAISONNER. CONCEVOIR, n’est autre chose qu’un simple regard de notre esprit sur les choses, soit d’une manière purement intellectuelle, comme quand je connais l’être, la durée, la pensée, Dieu; soit avec des images corporelles, comme quand je m’imagine un carré, un rond, un chien, un cheval. JUGER, c’est affirmer qu’une chose que nous concevons est telle, ou n’est pas telle: comme lorsqu’ayant conçu ce que c’est que la *terre*, et ce que c’est que *rondeur*, j’affirme de la *terre*, qu’elle *estronde*. RAISONNER, est se servir de deux jugements pour en faire un troisième : comme lorsqu’ayant jugé que toute vertu est louable. D’où l’on voit que la troisième opération de l’esprit n’est qu’une extension de la seconde; et ainsi il suffira, pour notre sujet, de considérer les deux premières, ou ce qui est enfermé de la première dans la seconde. [...] Le jugement que nous faisons des choses, comme quand je dis *la terre est ronde*, s’appelle PROPOSITION; et ainsi toute proposition enferme nécessairement deux termes : l’un appelé sujet, qui est ce dont on affirme, comme *terre*; et l’autre appelé attribut, qui est ce qu’on affirme, comme *ronde*; et de plus la liaison entre ces deux termes, est. ».

o também o atributo de ser vivente; e assim é a mesma coisa que dizer, *Pierre vive* e *Pierre é vivente* (Arnauld; Lancelot, 1780 [1660], p. 159)<sup>9</sup>.

O verbo substantivo nada mais é do que o verbo “ser” na terceira pessoa do singular do presente, ou seja, o “é” que citamos acima. Este verbo faz a ligação entre *sujeito* e *atributo* e, portanto, de acordo com os autores, sua função é a de afirmar. Os outros verbos seriam criados a partir do verbo substantivo com a junção de um atributo. Assim, seria a mesma coisa dizer “Pierre vive” ou “Pierre é vivente”.

De acordo com Dominicy (1989), a tradição da gramática geral se iniciaria com a publicação da GGR-PR em 1660 e seguiria, na França, até o primeiro quarto do século XIX. Exemplos de autores dessa tradição seriam Cesar Chesneau Du Marsais (1676-1756), Étienne Bonnot de Condillac (1715-1780) e Nicolas Beauzée (1717-1789), os quais realizaram algumas modificações no conceito de proposição. De acordo com Jamieson (1981) e Raby (2000), Condillac manteve a estrutura tripartite da proposição, ao passo que DuMarsais e Beauzée só consideravam duas partes, pois o verbo era considerado parte do atributo. Tal visão, entretanto, parece não ter sido apropriada dessa forma na gramaticografia brasileira, que só passou a ter uma estrutura bipartite da oração pela visão particular de Adrian Grivet e pela perspectiva histórico-comparativa de Julio Ribeiro.

Considerando-se a transição da gramática geral para o método empírico histórico-comparativo, a gramática da língua alemã de Karl Ferdinand Becker (1775-1849), de acordo com Graffi (2001), provoca uma ruptura na concepção tripartite de sentença:

Como observou Glinz (1947, p. 52)<sup>10</sup>, a ausência do papel da cópula força Becker a introduzir uma inovação terminológica, isto é, distinguir “predicado” de “predicativo”: uma sentença como “The dog is black” [O cão é preto] poderia ser analisada, de acordo com a concepção tripartite de proposição, em sujeito, cópula e predicado. Becker, em vez disso,

---

9 Tradução livre de: “[...] on peut dire que le verbe de lui même ne devoit point avoir d'autre usage que de marquer la liaison que nous faisons dans notre esprit des deux termes d'une proposition; mais il n'y a que le verbe être, qu'on appelle substantif, qui soit demeuré dans cette simplicité, et encore l'on peut dire qu'il n'y est proprement demeuré que dans la troisième du présent, est, et en de certaines rencontres. Car comme les hommes se portent naturellement à abrégier leurs expressions, ils ont joint presque toujours à l'affirmation d'autres significations dans un même mot. [...] le mot de *vivit* enferme seul l'affirmation et de plus l'attribut d'être vivant ; et ainsi c'est la même chose de dire, *Pierre vit*, que de dire *Pierre est vivant*. »

10 GLINZ, Hans. 1947. *Geschichte und Kritik der Lehre von den Satzgliedern in der deutschen Grammatik*. Bern: Francke.

distinguiria um sujeito (“the dog”) [o cão] e um predicado (“is black”) [é preto], o qual, por sua vez, deveria ser analisado em cópula (“is”) [é] e predicativo (“black”) [preto] (Graffi, 2001, p. 137)<sup>11</sup>

Na versão inglesa da gramática da língua alemã de Becker, que teria sido aquela com que Ribeiro travou contato, caso o tenha feito, temos o seguinte trecho:

Uma sentença é formada pela combinação de um *Sujeito* e um *Predicado* [combinação predicativa]. O *sujeito* é a pessoa ou coisa de que se fala. O *predicado* é a ação, afirmada para ser ou não ser uma ação do sujeito. O sujeito de uma sentença simples é expresso por um *substantivo*, ou por um *pronome*; por exemplo, *der Mensch denkt* [o homem pensa] ou *er denkt* [ele pensa]. O predicado é expresso por um *verbo*, um *adjetivo*, ou um *substantivo com a cópula ser*; por exemplo, *der Mensch lebt* [o homem vive]; *er ist sterblich* [ele é mortal]; *ich bin ein Mensch* [eu sou um homem]. O predicado sempre concorda com seu sujeito em *Pessoa* e *Número*; [...] Quando o predicado é expresso por um adjetivo ou substantivo com o verbo auxiliar *ser*, ou por uma das formas composta da conjugação, o verbo auxiliar que recebe as flexões de pessoa e número é chamado *Cópula* (Becker, 1845 [1830], p. 71-72)<sup>12</sup>.

Um seguidor de Becker, ao menos no que diz respeito ao tratamento da sintaxe, foi o norte-americano Charles Peter Mason (1820-1900), que escreveu diversas gramáticas da língua inglesa. Uma delas, a *Essentials of English Grammar* (1868), é citada explicitamente no prólogo da segunda edição da gramática de Ribeiro, de 1885, e na *Grammatica Descriptiva* de Maximino Maciel, de 1895. Mason (1858) define a sentença da seguinte forma:

---

11 Tradução nossa do original: “As observed by Glinz (1947:52) this lessening of the copula role forces Becker to introduce a terminological innovation, i.e. to distinguish ‘predicate’ from ‘predicative’: a sentence like “The dog is black” would be analyzed, according to the tripartite conception of the proposition, into subject, copula and predicate. Becker would instead distinguish a subject (“the dog”) and a predicate (“is black”), which in turn should be analysed into copula (“is”) and predicative (“black”).

12 Tradução nossa do original: “A sentence is formed by the combination of a *Subject* and *Predicate* [predicative combination]. The *subject* is the person or thing spoken of. The *predicate* is the action, asserted to be or not to be an action of the subject. The subject of a simple sentence is expressed by a *substantive*, or *pronoun*; e.g. *der Mensch denkt*, or *er denkt*. The predicate is expressed by a *verb*, or by an *adjective* or *substantive with the copula to be*; e.g. *der Mensch lebt*; *er ist sterblich*; *ich bin ein Mensch*. The predicate always agrees with its subject in *Person* and *Number*. The predicative verb, therefore, or the auxiliary verb is *inflected* by Person and Number; [...] When the predicate is expressed by an adjective or substantive with the auxiliary verb *to be*, or by one of the compound forms of conjugation, the *auxiliary verb* taking the inflections of person and number is termed *Copula*.”

A cópula gramatical em toda sentença consiste em flexões pessoais [\*nota: isto é, as flexões pelas quais número e pessoa são marcados, e pelas quais o verbo torna-se um verbo *finito*] do verbo. Na sentença “Time flies” [o tempo voa], o sujeito é *Time*; o que é predicado ou afirmado do tempo é *flying* [voar]: a terminação pessoal do verbo *flies* une a ideia ao sujeito. Na sentença “The rose is red”, the subject is *rose*; o que é predicado acerca da rosa é *being red*; a flexão pessoa pela qual *is* torna-se terceira pessoa do singular é a cópula. [...] Na medida em que as terminações pessoais do verbo não têm existência separadas do verbo ele mesmo, é usual (e conveniente) na gramática tratar a cópula como uma parte do predicado. [...] mas deve ser compreendido que, doravante, ao usar a palavra *predicado* nós queremos dizer o *predicado* e a *cópula* combinados (Mason, 1858, p. 91-92)<sup>13</sup>.

William Dwight Whitney (1827-1894) foi um conhecido linguista norte-americano, que é referido, em geral, pelo destaque que dá ao aspecto social da língua. Seu *Essentials of English Grammar*, de 1877, é igualmente citado por Ribeiro e Maciel. De acordo com Whitney (1879),

Uma sentença é, portanto, no sentido explicado, a expressão de um julgamento. [...] Uma sentença é composta por duas partes: 1. o sujeito, significando sobre o que a asserção é feita; e 2. o predicado, significando o que é afirmado sobre o sujeito.<sup>14</sup>

Considerando-se as obras de maior impacto na gramaticografia brasileira, nota-se que o conceito de oração é profícuo para compreender continuidades e descontinuidades nessa tradição.

---

13 The grammatical copula in every sentence consists of the *personal inflections* [\*nota: That is, the inflections by which number and person are marked, and by which the verb is made a *finite* verb] of the verb. In the sentence “Time flies”, the subject is *Time*; that which is predicated or asserted of *time*, is *flying*: the personal termination of the verb *flies* unites the idea to the subject. [...] Inasmuch as the personal terminations of a verb have no existence apart from the verb itself, it is usual (and convenient) in grammar to treat the copula as a part of the predicate. Thus in the sentence, “Time flies,” *time* is called the subject, and *flies* the predicate. [...] but it must be understood that, henceforth, in using the word *predicate* we mean *the predicate and copula combined*.

14 A sentence is, then, in the sense thus explained, the expression of a judgment. [...] A sentence is composed of two parts: 1. the subject, signifying that about which the assertion is made; and 2. the predicate, signifying that which is asserted of the subject.

## **| Mapeamento do aspecto analítico de oração em 72 gramáticas brasileiras oitocentistas**

Nesta seção exploramos três fases do conceito de oração, proposição ou sentença na gramaticografia brasileira oitocentista. A partir deste momento, utilizaremos somente o termo “oração” como modo de identificação desse segmento, a fim de facilitar a leitura, visto que o significante escolhido pelas obras não é objeto de análise neste artigo.

### **| Gramática latina estendida**

Temos nessa tradição ao menos duas representantes do modelo da gramática latina estendida. Uma delas é a primeira gramática escrita por um brasileiro a ser impressa também no Brasil, que recentemente havia se elevado a Reino, isto é, a *Grammatica Portugueza* de Ignacio Fortes, publicada em 1816 pela Imprensa Régia (Kemmler, 2013). As razões pelas quais ela seguia um modelo que estava sendo abandonado paulatinamente desde o início do XIX são explicadas no prólogo: o autor, procurando escrever uma gramática acomodada às gramáticas latinas, baseia-se nas obras latinas do Padre Antonio Pereira (1725-1797), a fim de auxiliar seus alunos a relacionar as duas línguas. De acordo com Blake (1895, p. 264-265), a obra foi reeditada pelo menos 14 vezes até 1856, provavelmente por ter sido adotada em escolas por quatro décadas.

Isso nos leva a hipotetizar que a capital do Império ainda aderiria a um ensino da língua portuguesa dependente da latina, o que é corroborado pela pesquisa de Razzini (2000, 2010) de que foi apenas em 1870 que o Colégio Pedro II, de ensino secundário, tornou o ensino de língua portuguesa independente do ensino de latim. Em meados do século XIX, porém, as ideias da gramática geral já estavam espalhadas suficientemente entre os estudiosos da língua portuguesa, assim, não faria sentido manter o modelo da gramática latina estendida senão para o ensino conjunto das duas línguas.

A segunda obra a seguir esse modelo não é exatamente uma gramática, mas uma síntese para estudo dos alunos em forma de quadros de apenas 9 páginas, a saber, *Grammatica da lingua portugueza ensinada por meio de quadros analyticos* publicada em 1869 pelo médico e historiador alagoano Alexandre José de Mello Moraes (1816-1882), no Rio de Janeiro, também pela Tipografia Nacional. Blake (1883, p. 34-38) mostra que Mello foi um escritor prolífico. No início da vida, seus textos versavam sobretudo sobre medicina homeopática, mas no fim da vida seu interesse é predominantemente na história do Brasil. O

folheto gramatical é sua única obra do gênero e parece não ter sido reeditado, não sabemos se foi adotado em algum estabelecimento de ensino.

Por fim, vale mencionar o *Compendio grammatical reduzido á dialogo* (1875), de A. Gentil Ibirapitanga – obra gramatical escrita integralmente em modelo de perguntas e respostas –, que usa alguma terminologia relativa aos casos latinos, como uma maneira de expressar certos significados, mas sem se prender totalmente a essa visão. O gramático não trata de partes essenciais da oração como sujeito, verbo e atributo, mas procura apenas compreender as relações de concordância e regência que os elementos sintáticos têm entre si e, para tanto, por vezes utiliza-se da terminologia dos casos latinos, como nominativo, enquanto em outros momentos fala de complementos, categoria própria da gramática geral (Chevalier, 1968). Assim, essa obra estaria entre a gramática latina estendida e a gramática geral.

### **| A gramática geral e suas variações**

Como já mencionamos, uma característica marcante do conceito de oração na gramática geral é sua estrutura tripartite, formada por Sujeito, Atributo e Verbo como cópula ou nexos entre os dois anteriores. De fato, como dizem as revisões, a grande maioria das obras gramaticais brasileiras publicadas no século XIX segue o modelo da gramática geral e isso pode ser comprovado por este estudo panorâmico do *aspecto analítico* da oração, visto que das 72 obras analisadas, 52 estão dentro desse modelo. Nesta seção, vamos observar quais delas seguem o modelo tradicional e aquelas que fazem adaptações nessa estrutura sem, entretanto, refutá-la.

O primeiro manual a seguir esse modelo fielmente é o *Compendio da gramatica portugueza* do maranhense Padre Antônio da Costa Duarte. Publicado pela primeira vez em 1829, a obra seria reeditada até pelo menos 1877 com ampliações. Embora seja uma obra relativamente complexa, sobretudo por suas discussões teóricas em nota de rodapé (Polachini, 2018), é dada, na contracapa, como uma gramática destinada ao ensino primário.

O modelo seria retomado apenas décadas depois, pelo professor cearense Cyrillo Dilermando Silveira, em seu *Compendio de grammatica da lingua portuguesa*, publicado inicialmente em 1855, que se tornou a obra escolhida para o ensino primário no Município da Corte no mesmo ano de sua publicação e foi a obra escolhida para o ensino de português no Colégio Pedro II entre 1858 e 1869. De acordo com Blake (1893, p. 155), a obra foi reeditada oito vezes até, pelo menos, 1872.

Praticamente todas as gramáticas publicadas entre 1860 e 1880 seguiram o modelo tripartite de oração da gramática geral. As *Lições de grammatica portugueza*, de José Bernardino Sena, cuja terceira edição, analisada neste trabalho, é de 1861. O autor, dado por Blake (1898, p. 342) como professor do Liceu Pernambucano, produziu uma gramática especialmente peculiar por apresentar diversos artifícios pedagógicos, como o formato em diálogo, exercícios e diretrizes ao professor (Polachini, 2024). Sua abordagem da oração é bastante superficial, mas, ainda assim, mantém o modelo tripartite. Outras obras escolares também seguiram esse tipo de abordagem protocolar da oração, como o presbítero português naturalizado brasileiro Vicente Rodrigues da Costa Soares em seu *Curso elementar teórico-prático da grammatica nacional* (1868), H. C. Taylor, professor da Escola Normal de Recife, na *Grammatica da lingua nacional* (1871), e o professor particular João Fernandes de Lima Côrtes, no *Resumo da grammatica portugueza* (1888).

Por outro lado, Raymundo Camera Bithencourt, autor do *Epitome da grammatica philosophica da lingua portugueza*, de 1862, promove ao longo de seu texto, em muitas notas de rodapé, diálogo com gramáticas anteriores, sobretudo supracitada de Costa Duarte. Foi professor primário e traduziu do francês diversas obras, entre peças e textos de fundo moral direcionados à infância (Blake, 1902). Abordagem mais aprofundada é também realizada pelo maranhense Francisco Sotero do Reis (1800-1871), um dos nomes mais simbólicos quando se trata da gramática geral no Brasil, em sua *Grammatica portugueza*, publicada pela primeira vez em 1866 e reeditada em 1871 e 1877, e nas suas *Postillas de Grammatica Geral* de 1868.

Outras gramáticas escolares do período também apresentaram o modelo tripartite. Exemplos são: a *Grammatica ecletico-rudimentaria* (1865) de Philippe Alberto Junior; *Compendio da grammatica portugueza* (1870) por Frederico Ernesto Estrella de Villeroy; *Compendio de grammatica da lingua portugueza* (1872) por Dr. Laurindo José da Silva Rabello, obra adorada em escolas do exército; *Grammatica elementar da lingua portugueza* (1875) por Philipe Pinto Marques, obra aprovada no Rio de Janeiro e no Pará; *Compendio de grammatica portugueza* (1883) de Polycarpo José Dias da Cruz; *Grammatica Portugueza* (1887) pelo professor de português do externato do Colégio Pedro II Manoel Olympio Rodrigues da Costa; *Grammatica analytica e explicativa da lingua portugueza* (1876, 1888) por José Ortiz e Candido Matheus de Faria Pardal; *Compendio de grammatica portugueza* (1899), de Bibiano Ferreira de Almeida; *Resumo da grammatica portugueza* (sem data) do barão e professor Abilio Cesar Borges; e a *Grammatica primaria da lingua portugueza* (sem data), por Paulino Brito, adotada na instrução pública da Amazônia.

Houve também gramáticos que descreveram o aspecto analítico da oração como tripartite em todas suas obras e reedições consultadas, ainda que tenham adotado, em obras publicadas nas últimas décadas do século, outros elementos do método histórico-comparativo. O maranhense professor da Escola Anexa da Faculdade de Direito de São Paulo, Augusto Freire da Silva, por exemplo, publicou sua gramática pela primeira vez em 1875, afirmando, então, que resumia a sintaxe de Sotero dos Reis. Em edições posteriores da obra, o autor afirma maior autonomia e apropriação de elementos do método histórico-comparativo. Seu conceito de oração, porém, manteve-se o mesmo nas quatro outras edições consultadas, de 1879, 1883 e 1894. Algo similar se dá quando observamos as obras do médico e professor baiano Ernesto Carneiro Ribeiro, a saber *Elementos de grammatica portugueza*, de 1879, *Grammatica portugueza philosophica*, de 1881, e *Serões grammaticais*, de 1890. Embora haja, certamente, apropriações do método histórico-comparativo nos *Serões*, tal como o autor afirma fazer em seu prólogo, a concepção de oração se mantém a mesma das obras anteriores. Por fim, Antônio Estevão da Costa e Cunha também apresenta a mesma estrutura da oração em três partes nas seguintes obras: *Grammatica elementar*, de 1880, *Manual do examinando de portuguez*, de 1883, e a *Grammatica pratica do 1º grau*, de 1895, ainda que tenha publicado em 1883 o livro *Principios de grammatica historica e comparada*.

Houve, por outro lado, autores que utilizaram a estrutura tripartite em edições de suas obras e, depois, a abandonaram em publicações posteriores, como é o caso de Maximino Maciel em sua *Grammatica analytica*, de 1887, e em gramática de Hemetério dos Santos cuja data não temos pela mutilação da capa da obra, mas é possivelmente, dadas as fichas da Fundação Biblioteca Nacional, a edição de 1879 da *Grammatica elementar da lingua portugueza*. Curiosamente, ambos foram colegas professores de português no Colégio Militar e, posteriormente, adaptaram suas obras, que serão analisadas na próxima seção, aos princípios do método histórico-comparativo.

Quanto aos autores que fizeram alterações no padrão tripartite, nota-se que são obras publicadas majoritariamente antes de 1860. Um exemplo clássico é do primeiro gramático brasileiro, Antônio Morais Silva, cujo *Epitome da grammatica portugueza* foi publicado em diferentes formatos nos anos de 1806, 1813, 1824 e 1832<sup>15</sup>, nos quais a definição de oração se mantém bastante próxima do modelo

---

15 Inicialmente publicado em forma independente em Lisboa, em 1806, o Epitome de Morais Silva tornou-se um anexo de seu dicionário de 1813 em diante, fazendo parte de diversas edições da obra lexicográfica. Posteriormente, houve ainda duas edições brasileiras, uma com o título de *Grammatica Portugueza* em 1824 e outra adaptada por autores anônimos em forma de diálogo, publicada em Porto Alegre e no Rio de Janeiro em 1832.

tripartite, exceto pela definição do verbo que, segundo Morais Silva, além de afirmar e conectar os atributos aos sujeitos, também exprime vontade e mando, apresentando os exemplos “tu é amante”, “sê amante”. Essa concepção de mando tem como base, provavelmente, o *Hermes or a Philosophical inquiry concerning universal grammar*, publicada em 1751 pelo inglês James Harris, que é citada muitas vezes ao longo da obra de Morais. Parece-nos que o gramático e lexicógrafo brasileiro reúne as ideias da GGR-PR e de Harris para formar sua concepção de oração.

Outro caso de adaptação do início do século é o de Frei Caneca, cuja obra, escrita entre 1817-19, enquanto estava na prisão, foi publicada apenas em 1875. Nela, embora declare que a oração é formada por sujeito, verbo e atributo, dá a esses termos sentidos muito diferentes daqueles preconizados pela gramática geral, pois o sujeito “exercita a ação do verbo”, o verbo ou nexos “mostra a ação do sujeito” e o “paciente ou atributo” “recebe a ação do sujeito”. Vemos, dessa forma, que houve um total deslocamento, seja pela inserção da ideia de ação, que não é preconizada na gramática geral na forma mais essencial da oração, seja por transformar o atributo, que nomeia também de paciente, naquele que recebe a ação do sujeito. Outros autores como Luiz da Silva Alves D’Azambuja Susano, em seu *Compendio da grammatica portugueza*, de 1851, e Joaquim Frederico Kiappe da Costa Rubim, de seu *Novo methodo de grammatica portugueza* escrito em versos rimados, de 1881, também seguem essa direção.

Não foi incomum, porém, que os gramáticos se preocupassem com a categoria do paciente ou daquele que recebe a ação do verbo, razão de diversos deslocamentos em outras gramáticas ao longo do século. Antônio Álvares Pereira Coruja, por exemplo, afirma que a oração é composta por quatro elementos, o sujeito, o verbo, o atributo e o paciente, este último é inserido pela necessidade de haver um elemento que sofresse a ação do verbo, categoria esta não definida pelo gramático. Vale ressaltar que o *Compendio da grammatica da lingua nacional* de Coruja, uma gramática voltada ao ensino primário, é talvez a obra mais longeva na história da gramática brasileira oitocentista, tendo sido reeditada ao menos diversas vezes entre 1835 e 1891. Apesar de haver pequenas alterações terminológicas, a oração quadripartite se mantém em todas as edições analisadas, de 1835, 1846, 1873 e 1891.

O respeitado gramático José Alexandre Passos, em suas *Taboas grammaticais da lingua portuguesa* (1848) e seu *Resumo de grammatica portugueza* (1855), defende que o terceiro elemento da oração tripartite seja ou o atributo ou o paciente/regime direto, a depender do tipo de verbo. Se fosse um verbo neutro, como ser e estar, ter-se-ia o atributo (aquilo que se afirma ou nega de alguma

pessoa ou coisa por meio do verbo), já um verbo ativo leva à necessidade de um paciente ou regime (que completa o sentido do verbo ativo e mostra o objeto que sofre a ação). Salvador Henrique d’Albuquerque, professor de Olinda, no seu *Breve compendio de grammatica portugueza* (1844) e seus *Rudimentos de grammatica portugueza* (1873) e, muito tempo depois, o Padre José Noronha Nápoles Massa na sua detalhada *Grammatica analytica da lingua portugueza* (1888) vão nessa mesma direção. Por fim, Almeida (1866), em seus *Elementos de grammatica portugueza*, define o aspecto analítico da oração com os três elementos básicos mais os complementos direto, indireto e circunstancial.

Finalmente, chegamos à gramática de transição de Fillippe Benicio de Oliveira Condurú, a única edição a que tivemos acesso é a de 1888, que, segundo Nogueira (2009), seria a sua 13ª edição, já que a primeira era de 1850. O professor e gramático maranhense apresenta dois aspectos analíticos da oração, um em texto e outro em nota de rodapé. Apesar de, em nota, apresentar a oração tripartite e exemplificá-la com “creio” e “eu sou crente”, no texto da gramática, o autor define uma oração que poderia ter um número variável de elementos: somente dois se o verbo fosse absoluto (sujeito e verbo), e três se o verbo fosse de existência (incluindo também o atributo) ou de ação transitiva (nesse caso, acrescenta-se o paciente ou complemento objetivo). Nessa concepção, o atributo não é parte essencial de todo verbo, derrubando parte fundamental da lógica da gramática geral.

### **| Desprendimento da gramática geral**

A primeira gramática a se desprender dessa estrutura não foi publicada por um brasileiro, mas pelo suíço naturalizado brasileiro Charles Adrian Grivet, que em 1865 publicou sua *Grammatica analytica*. A obra, embora seja muitas vezes considerada da tradição filosófica por outros estudiosos (Maciel, 1918; Cavaliere, 2001), parece-me bastante peculiar e a forma como nela se define a oração é simbólica nesse sentido, visto que o autor chega a indicar que basta um verbo, que ele denomina também “fato”, para fazer uma oração. De acordo com Grivet, nas duas edições de sua obra, a primeira de 1865 e a segunda, já póstuma e bastante ampliada, de 1881, o aspecto analítico da oração corresponderia sobretudo a um “fato” (a percepção daquilo que o homem pensa), referente aos verbos “de ação” (impulso moral ou físico, ex.: eu reflito), “de estado” (ideia de permanência, ex.: somos mortais) ou “de necessidade” (a causa do fato escapa à nossa percepção, ex.: chove). Ademais, a oração teria um “sujeito”, um “predicado” (termo que enuncia uma qualificação do sujeito mediante um verbo de estado) e/ou “complemento direto” e/ou “complemento indireto” (objetos de verbos de ação); “aposição” (palavras que se juntam ao sujeito sem auxílio de

verbo) e “ligação” (uso de conjunções como “e”). Na edição de 1881, é acrescida uma longa argumentação intitulada “Exposição episódica da teoria do verbo substantivo”, na qual Grivet se mostra contrário à oração tripartite e à divisão entre verbo substantivo e verbo adjetivo da gramática geral<sup>16</sup>.

A próxima obra a se desprender do modelo tripartite é a pioneira *Grammatica Portugueza* de Julio Ribeiro (1845-1890), publicada inicialmente em 1881, reeditada com modificações em 1885 e, posteriormente, reeditada até o início do século XX, mesmo após a morte do autor. Seguindo Charles Peter Mason, que referencia explicitamente na edição de 1885, Ribeiro afirma que a oração é composta por sujeito e predicado e divide este último em predicado propriamente dito, que é a ideia que se liga ao sujeito, e a cópula, isto é, o laço que prende o predicado propriamente dito ao sujeito. Nesse caso, embora se mantenha a ideia de um nexos ou uma cópula, estes são agora parte do predicado e não um objeto autônomo na oração. Ademais, vale olhar para os exemplos que o gramático traz nas duas edições da obra. Em ambas, analisa a frase “Pedro ama”; em 1881, considerando que o predicado “ama” divide-se em “é” cópula e “amante” predicado propriamente dito, já em 1885, o autor faz uma análise morfológica da palavra, dividindo “ama” em “am” tema e predicado propriamente dito e “a” como terminação e cópula. Sua maneira de analisar a oração não influencia, porém, os gramáticos posteriores, exceto por Lobo (1892), que faz uma obra simplificada de lições de português, mas que, em sua apropriação do modelo, promove mudanças, considerando que a cópula seria um verbo ativo, como “estudou”, e o predicado propriamente dito seria, na verdade, o paciente do verbo, como “a lição”.

Hemetério dos Santos, cuja *Grammatica elementar* seguia ainda o modelo tripartite, passa a definir a oração como tendo, somente, sujeito e predicado em sua gramática de 1885<sup>17</sup> e na *Grammatica portugueza* de 1897. Nesse momento, o “predicado” referia-se a tudo que não fosse o sujeito. Tal modelo seria seguido por diversas outras obras do período, como a *Grammatica descriptiva* (1895) de Maximino Maciel – que tal como Santos havia publicado anteriormente uma gramática seguindo o modelo tripartite –; as duas edições da gramática de Pacheco & Lameira as *Noções da grammatica portugueza* (1887) e a *Grammatica da lingua portugueza* (1894); o *Holmes brasileiro ou grammatica da puericia* (1891) do pioneiro Júlio Ribeiro; a *Grammatica elementar* (1888) de Alfredo do Nascimento e Silva; a *Grammatica portugueza (3º anno)* (1889) do professor

---

16 Em benefício do espaço deste artigo, não abordaremos essa explanação de Grivet (1881), dado que ela merece uma análise minuciosa.

17 Não foi possível recuperar o título exato dessa obra por faltar ao livro a capa.

de História Universal no Colégio Pedro II João Ribeiro; *Grammatica Portugueza* (1895) de Alfredo Gomes (1895); a *Grammatica Portugueza* (1900) do Inspetor geral do Ensino Osorio Duque-Estrada, os *Elementos de Grammatica Portugueza* de Felisberto Carvalho (em edição sem data, mas provavelmente da década de 1890) e, por fim, as gramáticas de autoria feminina das professoras de língua portuguesa Adélia Ennes Bandeira (1911 [1897]) e Zillah do Paço Mattoso Maia (1908 [1899])<sup>18</sup>. Ressaltamos, porém, que as últimas seis obras mencionadas ainda apresentam nas definições de sujeito e/ou predicado a ideia de “afirmação”, própria da gramática geral. Por fim, lembramos que a *Grammatica da puericia* do professor de literatura e língua portuguesa na Escola Normal de Niterói, José Ventura Boscoli (1900), apresenta somente funções sintáticas, sem tratar dos elementos mínimos da oração.

## Considerações finais

Neste estudo panorâmico de 72 gramáticas que abordou somente um conceito dentre os tantos presentes nas gramáticas brasileiras oitocentistas, dada sua centralidade epistemológica, foi possível traçar um mapa de continuidades e descontinuidades dessa tradição, em que percebemos três fases. Apenas 3 obras teriam alguma influência da gramática latina estendida. A grande maioria das obras, 52 delas, encontra-se na fase central, da gramática geral e apresenta a estrutura tripartite da oração. Dessas, houve, entretanto, 18 obras que realizaram adaptações ao modelo principal, resignificando e substituindo o atributo ou acrescentando itens ausentes do modelo original, como o paciente ou algum complemento – entre as quais está gramática de Condurú (1888), que apresenta dois conceitos diferentes para oração. Por fim, 17 obras, de maneira diversa, se desprendem do modelo racionalista tripartite do aspecto analítico da oração, descrevendo a oração como bipartite com sujeito e predicado; ou, de forma mais radical, considerando que apenas o verbo (ou fato) é suficiente, como o faz Grivet (1865, 1881). Esses dados estão sintetizados no Apêndice 1.

Vemos, dessa forma, que a gramática brasileira de língua portuguesa dos Oitocentos é predominantemente racionalista, mas que, à sua maneira, produz diversas adaptações ao modelo central, tripartite, de oração. Além disso, nota-se que a ruptura com essa tradição, ao menos no que diz respeito ao conceito de oração, é complexa, visto que autores que diziam já utilizar o modelo histórico-comparativo (e talvez de fato o estivessem em outras partes de sua descrição linguística) ainda mantinham o aspecto analítico tripartite, como é

---

<sup>18</sup> Para mais informações sobre essas autoras, ver Polachini e Vidal Neto (2023).

o caso de Costa e Cunha (1883, 1895), Freire da Silva (1894), Maciel (1887) e Carneiro Ribeiro (1890), por exemplo.

O mérito deste trabalho está em seu *corpus* extenso, algo inédito em análises dessa gramaticografia. Seu tema é, porém, ainda reduzido, dado que sua análise se centra em um único conceito de forma essencialmente tipológica. Certamente, é ainda necessário realizar outros estudos sobre essas obras que contemplem aspectos relacionados ao *aspecto analítico* da oração, como a noção de verbo, além de pesquisas que abordem outros elementos da descrição linguística dessa miríade de gramáticas brasileiras oitocentistas. Valeria ainda realizar estudos que observem outros modos de conexões entre as obras além da meramente tipológica, como diálogos e possíveis influências. Com esta pesquisa inicial, desejamos dar um primeiro passo para a análise mais detalhista e panorâmica, isto é, com um *corpus* mais extenso, dessa produção.

## | Referências

### **Fontes: gramáticas analisadas**

ALBERTO JUNIOR, P. J. **Grammatica ecletico-rudimentaria da lingua portugueza**. 5. ed. Bahia: Typ. de Camillo de Llis Masson & C., 1858.

ALBUQUERQUE, S. H. de. **Breve compendio de grammatica portugueza extrahido de diversos autores e oferecido aos seus alumnos**. 5a edição mais correcta que as precedentes. Pernambuco: Typographia de Santos e Companhia, 1844.

ALBUQUERQUE, S. H. de. **Rudimentos de grammatica portugueza**. 1. ed. Recife: Typ. Commercial de Geral H. de Mira, 1873.

ALMEIDA, F. M. Rapozo de. **Elementos de grammatica portugueza segundo um systema mnemonico**. 2. ed. Pernambuco: Typographia de Santos & Companhia, 1866.

ALMEIDA, B. F. **Compendio de grammatica portugueza**. Porto Alegre: Rodolpho José Machado Livreiro Editor, 1899.

BANDEIRA, A. E. **Grammatica portugueza practica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1911.

BITHENCOURT, R. A. C. **Epitome da grammatica philosophica da lingua portuguesa**. Rio de Janeiro. Eduardo & Henrique Laemmert, 1862.

- BORGES, A. C. **Resumo da grammatica portugueza para uso das escolas.** Bruxelas, Typographia e Lithographya E. Guyot, s.d.
- BRITO, P. **Grammatica primaria da lingua portugueza para uso das escolas.** 6a edição melhorada e correcta. Belém: Livraria Escolar, s.d.
- CANECA, J. **Breve Compendio de Grammatica Portugueza:** organizado em forma systematica, com adaptação a capacidade dos alumnos Frei Joaquim do Amor Divino Caneca (1ª edição – 1876) Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/304#:~:text=Categorias&text=LEITE%2C%20Marli%20Quadros;%20PELFR%3%8ANE%2C,2024>. Acesso em: 10 out. 2024.
- CARNEIRO RIBEIRO, E. **Elementos de grammatica portugueza.** Bahia: Imprensa Economica, 1879.
- CARNEIRO RIBEIRO, E. **Grammatica Portugueza Philosophica.** Bahia: Imprensa Economica, 1881.
- CARNEIRO RIBEIRO, E. **Seroes grammaticaes ou nova grammatica portugueza.** Bahia: Imprensa Popular, 1890.
- CARVALHO, F. de. **Elementos de grammatica portugueza** para uso dos alumnos de instrucção primaria. 15. ed. Rio de Janeiro: Livraria de Francisco Alves, s.d.
- CONDURÚ, F. B. C. **Grammatica Elementar da Lingua Portugueza.** 13. ed. Maranhão: Typ. do Paiz. 1888.
- CORTES, João Fernandes de Lima. **Resumo da grammatica portugueza.** Rio de Janeiro: J. G. de Azevedo, 1888.
- CORUJA, A. A. P. **Compendio da Grammatica da Lingua Nacional,** dedicado á mocidade rio-grandense. Porto Alegre: V.F. de Andrade, 1835.
- CORUJA, A. A. P. **Compendio da Grammatica da Lingua Nacional,** dedicado á mocidade rio-grandense. Rio de janeiro: Typ. Franceza, 1846.
- CORUJA, A. A. P. **Compendio da Grammatica da Lingua Nacional,** dedicado á mocidade rio-grandense. Rio de janeiro: Esperanca, 1873.
- CORUJA, A. A. P. **Compendio da Grammatica da Lingua Nacional,** dedicado á mocidade rio-grandense. Rio de janeiro: Livraria Clássica de Alves & C., 1891.

COSTA DUARTE, A. **Compendio de grammatica portugueza**, para uso das Escolas de Primeiras Letras. Maranhão: Tipografia Nacional, 1829.

COSTA DUARTE, A. **Compendio da grammatica philosophica da lingua portugueza** Escolhida pela Congregação do Lycêo do Maranhão para o uso do mesmo Lycêo, e das aulas de primeiras letras da provincia. Maranhão : Tipografia do Frias, 1859.

COSTA, M. O. R. **Grammatica portugueza**. 3. ed. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1887.

COSTA E CUNHA, A. E. **Grammatica elementar portugueza** adaptada ao ensino de escolas de instrucção primária [...] Rio de Janeiro: Livraria academica de J. G. de Azevedo, 1880.

COSTA E CUNHA, A. E. **Manual do examinando de portuguez**. Rio de Janeiro: Livraria academica de J. G. de Azevedo, 1883.

COSTA E CUNHA, A. E. **Grammatica pratica do 1º grao**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria academica de J. G. de Azevedo, 1895.

CRUZ, P. J. D. **Compendio de grammatica portugueza**. 3. ed. Rio de Janeiro, Typographia Paula Brito, 1883.

DUQUE-ESTRADA, Osorio. **Grammatica portugueza**. Rio de Janeiro: Livraria da Viuva Azevedo & C. - Editores, 1900.

FORTES, P. I. F. **Arte da grammatica portugueza**, para uso dos seus discipulos. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1816.

FREIRE DA SILVA, A. **Compendio da grammatica portugueza**. 2a edição. Maranhão: Typ. do Frias, 1875.

FREIRE DA SILVA, A. **Compendio da grammatica portugueza para uso dos alumnos de humanidades, que frequentam a aula de Portuguez**. 3. ed. São Paulo: Typographia de Jorge Seckler, 1879.

FREIRE DA SILVA, A. **Compendio da grammatica portugueza para uso dos alumnos de humanidades, que frequentam a aula de Portuguez**. 4a edição. São Paulo: Typographia a vapor de Jorge Seckler, 1883.

FREIRE DA SILVA, A. **Compendio da grammatica portugueza para uso dos alumnos de humanidades, que frequentam a aula de Portuguez**. 8. ed. São Paulo: J. B. Endrizzzi & C., 1894.

GOMES, A. **Grammatica Portugueza**, 6. ed. Rio de Janeiro: J. G. de Azevedo, 1895.

GRIVET, C. A. **Grammatica analytica da lingua portuguesa**. Rio de Janeiro: s.n., 1865.

GRIVET, C. A. **Nova grammatica de lingua portugueza**. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1881.

IBIRAPITANGA, A. G. **Compendio grammatical reduzido á dialogo para uso dos principiantes no exercicio das primeiras letras**. Bahia: Livraria de Carilina de C.a., 1875.

LOBO, G. **Lições praticas da lingua portugueza** organizadas especialmente para as escolas publicas do Estado de S. Paulo. Itú: Typ. do Correio do Salto, 1892.

MACIEL, M. A. **Grammatica Analytica da Lingua Portugueza**. Rio de Janeiro: Typ. Central de Evaristo Rodrigues da Costa, 1887.

MACIEL, M. A. **Grammatica Descriptiva baseada nas doutrinas modernas**. Capital Federal: Typ. do Pazo & C., 1895.

MAIA, Z. P. M. **Grammatica da lingua portugueza**. 2. ed. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1908.

MARQUES, Philippe Pinto. **Grammatica elementar da lingua portugueza extrahida dos melhores auctores**. 2a edição melhorada e mais correcta. Pará: Carlos Seidl & C.a, 1875.

MASSA, J. N. N. **Grammatica Analytica da lingua portugueza**. Rio de Janeiro: H. Lombaerts, 1888.

MORAES, A. F. M. **Grammatica da lingua portugueza ensinada por meio de quadros analyticos** – methodo facilimo para se aprender a lingua. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1869.

MORAIS SILVA, A. **Epitome da Grammatica Portugueza**. Lisboa: Off. de Simão Thadedeo Ferreira, 1806.

MORAES SILVA, A. **Epitome da grammatica portugueza** – agora mais resumido, e em fórmula de Dialogo, para uso dos Meninos. 1a ed. Porto Alegre: Typ. d Dubreuil e Comp., 1832.

ORTIZ, J.; PARDAL, C. M. F. **Grammatica analytica e explicativa da lingua portugueza**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nicolao Alves, 1876.

- ORTIZ, J.; PARDAL, C. M. F. **Grammatica analytica e explicativa da lingua portugueza.** Rio de Janeiro: Typ. Montenegro, 1888.
- PACHECO & LAMEIRA (Pacheco da Silva Jr & Lameira de Andrade). **Noções de grammatica portugueza.** Rio de janeiro: J. G. de Azevedo, 1887.
- PACHECO & LAMEIRA (Pacheco da Silva Jr & Lameira de Andrade). **Grammatica da Lingua Portugueza.** Rio de janeiro: J. G. de Azevedo, 1894.
- RIBEIRO, J. **Grammatica portugueza (3ºanno).** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1889.
- PASSOS, J. A. **Taboas grammaticaes da lingua portugueza para uso dos estudantes de grammatica.** Pernambuco: Typographia de Santos e Companhia, 1848.
- PASSOS, J. A. **Resumo de grammatica portugueza para uso das escolas de primeiras letras.** 2. ed. Rio de Janeiro: Typ. do Commercio de Brito & Braga, 1855.
- RABELLO, L. J. S. **Compendio de grammatica portugueza.** 2. ed. mais correta. Rio de Janeiro: Typ. Esperança, 1872.
- RIBEIRO, J. **Grammatica Portugueza.** São Paulo: Jorge Seckler, 1881.
- RIBEIRO, J. **Grammatica Portugueza.** 2. ed. ref. e muito aum São Paulo: Teixeira & Irmão, 1885.
- RIBEIRO, J. **Holmes brasileiro ou grammatica da puericia. 2a ed.** São Paulo: Teixeira & Irmão, 1891.
- RUBIM, J, F. K. C. **Novo methodo de grammatica portugueza.** Ceará: Typographia Cearense, 1881.
- SANTOS, H. J. dos. **Grammatica elementar da lingua portugueza.** Rio de Janeiro: Serafim José Alves, s.d. [1879]
- SANTOS, H. J. dos. **Grammatica** [...]. 1885.
- SANTOS, H. J. dos. **Grammatica portugueza.** Rio de Janeiro: Livraria Classica de Alve & C., 1897.
- SENA, J. B. **Lições de grammatica portugueza destinadas ao uso dos alumnos de ambos os sexos que frequenta as aulas de primeiras letras.** 3. ed. Pernambuco: Santos & Companhia, 1861.

SILVA, A. N. **Grammatica portugueza elementar**. Rio de Janeiro: J. A. F. Villas-Bôas & C.

SILVEIRA, C. D. **Compendio de grammatica da lingua portugueza**. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1855.

SOARES, V. R. C. **Curso elementar teórico-pratico da grammatica nacional organizada para uso dos collegios**. Rio de Janeiro: Livraria Luso-brasileira, 1868.

SOTERO DOS REIS, F. **Grammatica portugueza accommodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica**. Maranhão: Tip. de B. de Matos, 1866.

SOTERO DOS REIS, F. **Postillas de Grammatica Geral applicada à lingua portugueza pela analyse dos classicos ou guia para a construcção portugueza**. 2. ed. Maranhão, 1868.

SOTERO DOS REIS, F. **Grammatica portugueza accommodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica**. 2. ed. revista Maranhão: Typ. de R. d'Almeida & C., 1871.

SOTERO DOS REIS, F. **Grammatica portugueza accommodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica**. 3. ed. revista Maranhão: Livraria de Magalhães, 1877.

SUSANO, L. da S. A. D'A. **Compendio de grammatica portugueza para uso das escolas primarias**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1851.

TAYLOR, H. C. **Grammatica da lingua nacional compendio adaptado ao ensino nas aulas de instrucção primaria**. Recife: Typographia de Santos & Companhia, 1871.

VILLEROY, F. E. E. **Compendio da grammatica portugueza**. Porto Alegre: Typ. do Rio-Grandense, 1870.

## **Estudos**

ARNAULD, A.; LANCELOT, L. **Grammaire** Générale et **Raisonnée**. Quatrième édition. Paris: Librairie Durand neveu, 1780 [1660].

AUROUX, S. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. 2. ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2009 [1992].

AZEVEDO FILHO, L. Os estudos filológicos e linguísticos no Brasil – uma tentativa de periodização. *In*: **Anais do Congresso Internacional de Lexicografia e Literaturas do mundo lusófono**. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 2002.

BECKER, K. F. **A Grammar of the German Language**. Second Edition: greatly improved. [Ed. by Bernhard Becker] London: Longman, Brown, Green, and Longmans, 1845[1830].

BLAKE, A. S. **Dicionário Bibliographico Brasileiro**. Primeiro volume. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

BLAKE, A. S. **Dicionário Bibliographico Brasileiro**. Segundo volume. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1893.

BLAKE, A. S. **Dicionário Bibliographico Brasileiro**. Terceiro volume. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1895.

BLAKE, A. S. **Dicionário Bibliographico Brasileiro**. Quarto volume. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1898.

BLAKE, A. S. **Dicionário Bibliographico Brasileiro**. Quinto volume. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1899.

BLAKE, A. S. **Dicionário Bibliographico Brasileiro**. Sexto volume. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1900.

BLAKE, A. S. **Dicionário Bibliographico Brasileiro**. Sétimo volume. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1902.

CAVALIERE, R. Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil. **Alfa**. v. 45, p. 49-69. 2001.

CAVALIERE, R. **História da gramática no Brasil**: séculos XVI a XIX. Petrópolis: Vozes, 2022.

CHEVALIER, J-C. **Histoire de la syntaxe**: naissance de la notion de complément dans la grammaire française (1530-1750). Genève : Librairie Droz, 1968.

DOMINICY, M. Le programme scientifique de la grammaire générale. *In*: AUROUX, S. (dir.). **Histoire des idées linguistiques** – Tome 2: Le développement de la grammaire occidentale. Liège: Mardaga, 1989.

ELIA, S. Os estudos filológicos no Brasil. *In*: ELIA, S. **Ensaio de Filologia e Linguística**. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1975. p. 117-176.

FÁVERO, L. L.; MOLINA, M. A. G. **As Concepções Linguísticas no século XIX: a gramática no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006.

GRAFFI, G. **200 years of syntax: a critical survey**. Studies in the History of the Language Sciences 98. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

HARRIS, J. **Hermes or A Philosophical inquiry concerning universal grammar**. The sixth edition. London: Printed for F. Wingrave, 1806 [1751].

JAMIESON, H. S. **Language and Thought in the theories of Port-Royal, Du Marsais, Beauzee and Condillac**. 1981. Dissertação (Mestrado em Filosofia), University of Surrey (United Kingdom), 1981.

KEMMLER, R. 2013. A primeira gramática da língua portuguesa impressa no Brasil: a Arte de grammatica portugueza (1816) de Inácio Felizardo Fortes. **Revista Confluência**, n. 45, p. 61-82, 2013.

PARREIRA, A. D. **Contribución a la historia de la gramática brasileña del siglo XIX**. 2011. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filología, Universidad de Salamanca, Salamanca, 2011.

MARCÍLIO, M. L. **História da Alfabetização no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

MACIEL, M. Breve retrospecto sobre o ensino da língua portuguesa. *In*: MACIEL, M. **Grammatica Descriptiva baseada nas doutrinas modernas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1918 [1910].

MASON, C. P. 1858. **English Grammar** – including the principles of grammatical analysis. Eighteenth Edition (revises and enlarged). London: Bell & Daldy, York Street, Covent Garden.

NASCENTES, A. A filologia portuguesa no Brasil (esboço histórico). *In*: NASCENTES, A. **Estudos Filológicos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. p. 21-45.

NOGUEIRA, S. Estudos Historiográficos e o Ensino de Língua Portuguesa. **CNLF**, v. XIII, n. 04, 2009.

POLACHINI, B. S. **O tratamento da sintaxe em gramáticas brasileiras do português do século XIX: estudo historiográfico.** 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

POLACHINI, B. S. **Uma história serial e conceitual da gramática brasileira oitocentista de língua portuguesa.** 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

POLACHINI, B. S.; VIDAL NETO, J. B. C. As mulheres nos estudos linguísticos brasileiros (1890-1960): uma primeira aproximação. *In*: ALTMAN, C.; LOURENÇO, J. **Feminino em Historiografia Linguística: Américas – Vol. 1.** São Paulo: Ed. Pontes, 2023. p. 171-230.

POLACHINI, B. S. O engenho didático na gramática brasileira oitocentista. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 52, n. 3, p. 819-838, 2024. DOI: 10.21165/el.v52i3.3672. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3672>. Acesso em: 5 maio. 2025.

RABY, V. **La proposition dans la grammaire generale francaise (1660- 1803).** 2000. Tese. (Doutorado) – Université Paris Diderot (Paris 7), Paris, 2000.

RAZZINI, M. P. G. **O espelho da nação: a Antologia Nacional e o ensino de Português e de Literatura (1838-1970).** 2000. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

RAZZINI, M. P. G. História da Disciplina Português na Escola Secundária Brasileira. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 4, p. 43-58 jan./jun. 2010.

RIBEIRO, J. A Procellaria: 17 de Abril de 1887. *In*: RIBEIRO, J. **Cartas Sertanejas; Procellarias** (Edição Fac-símile). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: FUNDAP, 2007. p. 85-94.

SWIGGERS, P. **Histoire de la pensée linguistique – analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale, de l'Antiquité au XIXe siècle.** Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

SWIGGERS, P. Modelos, Métodos y Problemas en la historiografía de la lingüística. **Nuevas Aportaciones a la historiografía lingüística.** Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL. La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003, 2004. p. 113-146.

WHITNEY, W. D. Chapter I. Introductory: language and grammar. *In*: WHITNEY, W. D. **Essentials of English Grammar: for the use of schools.** Boston: Ginn and Heath, 1879. p. 1-5.

## Apêndice 1

Quadro sintético do *aspecto analítico* da oração de 72 gramáticas

Fase	Detalhes	Obras	N°
<b>Gramática latina estendida: 3 obras</b>	Uso de casos, sem definição da oração	Fortes, 1816 Moraes, 1869	2
	Uso de casos e os complementos, sem definição da oração	Ibirapitanga, 1875	1
<b>Gramática geral: modelo tripartite: 52 obras</b>	Modelo tripartite tradicional: sujeito, verbo e atributo	Costa Duarte, 1829, 1859 Silveira, 1855 Sena, 1861 Bithencourt, 1862 Alberto Junior, 1865 Sotero dos Reis, 1866, 1868, 1871, 1877 Soares, 1868 Villeroy, 1870 Taylor, 1871 Rabello, 1872 Marques, 1875 Freire da Silva, 1875, 1879, 1883, 1894 Ortiz e Pardal, 1876, 1888 Carneiro Ribeiro, 1879, 1881, 1890 Santos, 1879 Costa e Cunha, 1880, 1883, 1895 Cruz, 1883 Costa, 1887 Maciel, 1887 Almeida, 1899 Borges, s.d. Brito, s.d.	34
	Variação: modelo tripartite em modo indicativo e imperativo	Morais Silva 1806, 1813, 1824, 1832	4
	Variação: modelo tripartite com mudança no conceito de verbo ou atributo	Caneca, 1875 Susano, 1851 Rubim, 1881	3
	Variação: modelo tripartite com a inclusão de novos elementos à oração	Coruja 1835, 1846, 1873 e 1891 Albuquerque, 1844, 1873 Passos, 1848, 1855 Almeida, 1866 Massa, 1888	10
	Variação: duas possibilidades de definição, uma tripartite e outra com apenas sujeito e predicado.	Condurú, 1888	1

<b>Desprendimento da gramática geral: 17</b>	Oração como sujeito e predicado	Ribeiro, 1881, 1885, 1891 Santos, 1885, 1897 Pacheco e Lameira, 1887, 1894 Silva, 1888 Ribeiro, 1889 Gomes, 1895 Duque-Estrada, 1900 Carvalho, s.d. Bandeira, 1911[1897] Maia, 1908[1899]	14
	Oração como fato ou verbo	Grivet 1865, 1881	2
	Uso de funções sintáticas, sem definição da oração	Boscoli 1900	1

**Fonte:** Elaboração própria

### **Como citar este trabalho:**

POLACHINI, Bruna Soares. A oração na gramática brasileira oitocentista: estudo panorâmico. Revista do GEL, v. 21, n. 3, p. 53-82, 2024. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>.

Submetido em: 10/10/2024 | Aceito em: 11/02/2025.